

As afetações plásticas do corpo e o conhecimento sensível

Marcia Almeida

Licenciatura em Dança do Instituto Federal de Brasília,

Professora Ph. D em Estética (Filosofia da Arte). Dança, Panthéon Sorbonne Paris 1

Coordenadora do grupo de pesquisa em Arte Coreográfica – Dança contemporânea IFB/CNPq

Dançarina, coreógrafa, pesquisadora, professora.

Resumo: O nascimento inaugura o processo da pessoa numa sociedade. Antes que o recém nascido receba um nome ou as marcas que lhe autorizem a pertencer a certo grupo, o nascimento não é ainda socializado. Só a morte dissolve a forma do corpo. Há um trajeto a percorrer entre o nascimento e a morte pelo qual o “ego” descrito por Maine de Biran, se constitui ao longo da existência. Assim o corpo não é um organismo acabado, uma massa de músculos, ossos e nervos na dimensão proposta pela anatomia, sobre o qual o ambiente não pode agir. A pessoa é o resultado da afetação entre ela e o meio que a faz participante de uma determinada sociedade. Vou discutir aqui a plasticidade que se dá à pessoa através do sensível, resultado do afeto da pessoa com o meio ambiente e seu conhecimento sensível.

Palavras-chave: arte coreográfica, pesquisa em dança contemporânea, conhecimento sensível.

A presença do humano se realiza a partir da sua corporeidade. Ao corpo biológico se agrega os afetos, fator que o faz ser percebido como exemplar único. Philippe Perro¹, comenta que através da epiderme, camada mais superficial do corpo, que a pessoa desvela o afeto trocado com o meio em que está esta inserida. Acrescenta que por meio deste afeto se revela, o gosto de cada sociedade. Isto quer dizer que o meio ambiente afeta tão profundamente o corpo biológico que interfere em sua morfologia. Existem culturas que tem como modelo o corpo gordo. No Brasil é inadmissível ter excesso de peso, ser feio e, sobretudo velho

O nascimento inaugura o processo da pessoa na sociedade. Antes que o recém-nascido receba um nome e as marcas que lhe autorizem pertencer a uma sociedade, o nascimento não é socializado. A morte marca o seu desaparecimento. Assim o corpo não é um organismo acabado, não é apenas uma massa composta por músculos, ossos e nervos, sobre a qual o ambiente não pode agir. A pessoa é o resultado da afeição entre ela e o meio. Isso a faz participante de uma determinada sociedade, como propõe Michel Henry² ao dizer que a constituição do mundo se confunde com a apreensão do mundo, que a pessoa é a revelação do mundo, que a pessoa é a revelação do mesmo. Dessa forma, há um trajeto que o humano percorre entre o nascimento e a morte, através do qual o ego se forma. Em sua teoria, Maine de Biran considera o ego como essa

¹ Philippe, Perrot, *Le corps féminin, XVIIIe-XIXe siècle, (Le travail des apparences)*, Paris éditions du Seuil, 1984, pp. 61, 62.

² Michel Henry, *Philosophie et phénoménologie du corps* (1965), Paris, PUF, Épipiméthée, 2006, p. 58.

camada que desvela o humano como pessoa. Assim o *ego* é o resultado entre afetar, afeiçoar e ser afetado. É bom sublinhar que Maine de Biran considera que para afetar ou ser afetado é preciso se afeiçoar.

Com isso quero dizer que existe uma espécie de comunhão ou acordo entre o humano e o meio ambiente, mas estes não se fundem como acontece com o corpo e *ego*. Isto quer dizer que o *ego* não se localiza nem na exterioridade ou interioridade corporal: o *ego* é o próprio corpo. A pessoa se compõe de todas as suas experiências vividas. Considero que a pessoa se forma por coisas que se juntam à carne no percurso de vida, como propõe Maine de Biran e não como o corpo dual sugerido por Platão: um lado um ser que pensa e de outro que age.

Em sua filosofia, Platão propõe o corpo como um peso para o espírito. Antes de se dar à morte, Sócrates faz um elogio à superioridade da alma: «[...] *nous serons purs, étant séparés de cette chose insensée qu'est le corps*³». Mas assim que Sócrates morre, perde sua capacidade de livre atuação no mundo, pois é preciso corpos, presentes e palpáveis, para agir diretamente sobre o mundo.

O pensamento é também movimento corporal. Isto quer dizer que quando realizo uma reflexão estou agindo, da mesma maneira quando me movo. Não importa qual seja o movimento, reflexão: quando danço ou leio um livro, ou pura ação: quando transporto um objeto pesado. Para ambas as situações é preciso um esforço físico. Este esforço é realizado pela pessoa: sujeito visível no mundo.

Assim o *ego* e a fisicalidade compõem a pessoa, quer dizer, a pessoa é composta pelo conjunto do corpo funcional e seus afetos. Nesta proposta não existe distinção entre corpo e *ego*. A expressão corporal pertence à própria pessoa. Não ha nada que se interpõe entre os movimentos do corpo e do *ego*. Isto quer dizer que o corpo não é um instrumento da expressão do *ego*, os movimentos não estão a serviço de alguma coisa que não seja sua própria expressão. Não existe intermediário entre o *ego* e a ação, o corpo não é um interprete da alma, seus movimentos são provocados pelo corpo, ele mesmo. .

Pensar na possibilidade de um corpo instrumento me remete sempre à imagem de instrumentos: utensílios para os humanos, como uma faca, ou mesmo um instrumento musical, um violoncelo, sem o qual o musicista não pode emitir vibrações sonoras e se exprimir através do som quando não toca as cordas. Neste caso, o musicista não existe sem o seu instrumento e o

³ Platon, *Phédon*, Traduction nouvelle, introduction et notes par Monique Dixsaut, Publié avec le concours du Centre national des Lettres. Paris, GF Flammarion, 1991, p, 217. "...nos seremos puros, estando separados desta coisa insensata que é o corpo", tradução feita por mim mesma.

violoncelo é o instrumento mudo. O corpo nunca será um instrumento de expressão do dançarino porque ele é o corpo. Eu não sou objeto de expressão de mim mesma: me expresso simplesmente.

Os corpos-instrumentos seriam como marionetes. É preciso alguém que aciona e controla uma sequência de movimentos, pois que o corpo-marionete não tem jamais autonomia de ação corporal. Para quem considera o corpo como instrumento de ação do espírito eu coloco a questão: quem deve ser condenado quando um crime acontece, pois que o corpo é instrumento do espírito e não tem autonomia de ação? Eu considero que o corpo que pensa é o mesmo que determina as ações. Não existe intervalo entre pensamento e ação. A pessoa pensa e age; o que eu penso é intrínseco ao que sou. Eu sou uma forma plástica, e são vários os componentes que me modelam.

Aqui é preciso sublinhar que eu considero a noção de forma como propõe Peirre Demeulenaere⁴, aquela que é plástica, maleável que se adapta ao ambiente. Isto difere da idéia e forma que resulta, por exemplo, de aparência esperada por comportamentos que são mais delimitados e imóveis, como uma forma dada a um bolo que é cozido dentro de uma forma. Não ha plasticidade nesta forma, a não ser que eu decida cortar e redefinir a forma desse bolo, mas ele se tornara ainda uma forma precisa e imutável. Neste caso, a forma é uma definição precisa de alguma coisa que é feita dentro de uma moldagem. Para modificá-la é preciso uma ação direta e externa sobre a coisa. No entanto a forma proposta por Demeulenaere permite a plasticidade segundo os afetos.

Assim, a pessoa esta presente no mundo e conhece este mundo por seus movimentos. Ela se afeiçoa ao mundo que lhe afeta e em consequencia a pessoa afeta seu meio. Acontecem ligações afetivas que se tecem entre o mundo e a pessoa. Pois a pessoa participa intimamente em seu meio ambiente.

Existe um componente que esta além do conjunto anatômico. Estas coisas, sutis, imensuráveis que se somam à carne. São coisas que a ciência desconsidera. Portanto são perceptíveis, se ajuntam aos poucos ao longo do percurso da vida da pessoa. Essas coisas sutis que afetam a carne diferenciam uma pessoa da outra. Isto as faz pessoas-únicas mesmo apresentando componentes semelhantes à de outros.

Ao corpo se ajuntam os sentimentos, dessa maneira o ato de sentir é constituído pelo movimento. Para Maine de Biran⁵, a sensação é um ato subjetivo, conhecido pelo corpo através do esforço de sentir, de direcionar a atenção ao ato de sentir. Porque sentir não é a mesma coisa que

⁴ Pierre Demeulenaere, *Une théorie des sentiments esthétiques*, Paris, Grasset, 2001. p. 25.

⁵ Maine De Biran, Pierre, *Mémoire sur la décomposition de la pensée*, (1804), Paris Librairie pphilosophique J. Vrin, 2000, deuxième partie; chap. 1

ter uma sensação. Os sentidos nos fornecem sensações. A interseção entre o ato de sentir e o odor de um perfume provoca uma sensação constituída pelo movimento subjetivo do odorato. O perfume nos revela historias invisíveis. Ele tem um poder de nos desvelar coisas guardadas no fundo da memória. Os odores trazem em si secretos intimos, sublinhado por Proust ao descrever o quarto da tia: « [II] nous enchantent des mille odeurs qu'y dégagent les vertus, la sagesse, les habitudes, toute une vie secrète, invisible, surabondante et morale que l'atmosphère y tient en suspens [...] »⁶. O odor nos traz a presença física de coisas que não estão mais presente.

A pessoa apreende o meio ambiente por intermédio de estímulos dos sentidos que agem simultaneamente. As sensações visuais, olfativas, auditivas, táteis e do equilíbrio colocam a pessoa em contato com o espaço. Cada sentido tem uma especialização: quando alguém sente um perfume é o olfato que age. Mas ele não age só, os sentidos formam uma unidade, mesmo sendo mecanismo distinto para cada um. A sensibilidade corporal coloca a pessoa em contato com o ambiente. A pele marca a fronteira entre a carne e o meio, e a porosidade da pele permite as trocas além do limite cutâneo.

A pessoa está em contato com a luz da lua, do sol, com o frio, a montanha, o mar, as pessoas que estão ao redor, as paisagens arquiteturais. Enfim, as pessoas estão em contato direto com o meio ao qual estão inseridos e conseqüentemente estes espaços serão familiares aos que neles habitam. É através da corporeidade que as pessoas apreendem o espaço. As qualidades do meio ambiente afetam a carne e lhe dá o conhecimento sensível, conhecimento impreciso, pouco objetivo, divergente da precisão que requer a ciência.

Michel Henry⁷ considera a memória como fenômeno corporal, se encontra em qualquer atividade sensorial como elemento constitutivo deste. Isto quer dizer que pela memória o corpo constitui seu percurso, soma suas experiências e forma a pessoa. Segundo Dewey⁸, a experiência é o resultado, o sinal e a recompensa da interseção ente o organismo e o meio ambiente que; assim que se conclui se transforma por meio da interação. Eu toco o mundo através do conjunto de sentidos e a recíproca é verdadeira. Assim a pessoa registra em sua carne as experiências que dão a forma a qual ela se manifesta no mundo. A experiência sensível não é descritível nem objetiva. E é esse o abismo de rosas que existe entre ciência e arte.

⁶ Proust, Marcel, *À la recherche temps perdu – Du coté de chez Swann*, Paris, Gallimard, Folio classique, 2005, p. 49. (ele nos encanta de mil odores que dele exalam as virtudes, a sabedoria, os habitos e toda uma vida moral que a atmosfera guarda em suspenso), traduzido por mim mesma.

⁷ Michel Henry, *Philosophie et phénoménologie du corps*, op. cit., p.113.

⁸ Dewey, John, III *L'art comme expérience*, op. cit., p. 43.

Bibliografia

Demeulenaere, Pierre *Une théorie des sentiments esthétiques*, Paris, Grasset, 2001.

Dewey, John, *III L'art comme expérience*, introdução por Richard Shusterman, postface de Stewart Buettner, Tradução do inglês (USA) no quadro do GRAPPHIC e do CICADA por Jean-Pierre Cometti, Christophe Domino, Fabienne Gaspari, Catherine Mari, Nancy Murzilli, Claude Pichevin, Jean Piwnica e Gilles Tiberghien, dirigido por Jean-Pierre Cometti, publicação de l'Université de Pau, edição Farrago, 2005.

Maine De Biran, Pierre, *Mémoire sur la décomposition de la pensée*, (1804), Paris Librairie philosophique J. Vrin, 2000, deuxième partie; chap. 1.

Michel Henry, *Philosophie et phénoménologie du corps* (1965), Paris, PUF, Épiméthée, 2006.

Perrot, Philippe, *Le corps féminin, XVIIIe-XIXe siècle, (Le travail des apparences)*, Paris éditions du Seuil, 1984

Platon, *Phédon*, Traduction nouvelle, introduction et notes par Monique Dixsaut, Publié avec le concours du Centre national des Lettres. Paris, GF Flammarion, 1991.

Proust, Marcel, *À la recherche temps perdu – Du côté de chez Swann*, Paris, Gallimard, Folio classique, 2005.